

Representações da masculinidade bissexual: um estudo a partir dos informantes da Rede Bis-Brasil

Fernando Seffner

Primeira versão do texto, para debate na Reunião Regional: Sexualidades, Saúde e Direitos Humanos na América Latina, Mesa 5: Cultura, Redes e Comunidades Sexuais, atividade integrante do Projeto Sexualidades, Saúde e Direitos Humanos na América Latina.
Lima, maio de 2003

1. Apresentando a estrutura do texto

No sentido de organizar a exposição e as questões postas para debate a seguir, o presente texto está estruturado em quatro partes. Na primeira, que cumpre o papel de introdução ao tema, faço breves reflexões acerca dos propósitos do presente seminário e da mesa cultura, redes e comunidades sexuais na qual estou inserido, e procuro articular esta percepção acerca do seminário com o trabalho de pesquisa que realizo no Brasil, acerca da masculinidade bissexual, buscando extrair daí diretrizes para a elaboração do texto.

Na segunda parte, apresento a Rede Bis-Brasil, estrutura de acesso aos homens que mantém relações afetivas e sexuais com homens e mulheres, e que permitiu a pesquisa e ações de intervenção social nos temas do estigma, discriminação e vulnerabilidade à aids. Na terceira parte apresento e discuto um conjunto de quatro representações acerca da masculinidade bissexual, fruto do diálogo entre uma certa rede conceitual – que envolve os conceitos de gênero, sexualidade, identidade, diferença e representação – com os relatos e histórias de vida dos homens que pertencem à rede. Por fim, apresento algumas conclusões, a bibliografia e fontes consultadas.

2. Sobre o seminário, o projeto, a mesa e minha participação

Como primeiro passo na montagem desse texto, busquei entender a proposta do seminário, bem como do projeto que lhe dá suporte, intitulado Sexualidades, saúde e direitos humanos na América Latina. O projeto lida então com sexualidades, saúde e direitos humanos, no espaço da América Latina. A pergunta que parece estar subjacente é: quais questões de saúde e de direitos humanos o exercício de determinadas sexualidades suscita na América Latina? Selecionei esta questão para orientar a construção do meu texto.

O projeto preocupa-se também com investigações teóricas e trabalhos de advocacia em saúde sexual, bem como em construir um marco institucional capaz de estimular tanto a investigação quanto a advocacia nestes temas, bem como a articulação entre ativistas e pesquisadores. O projeto está na fase inicial de execução. Destas informações, retirei outra questão para orientar a construção do meu texto, qual seja, aquela que vincula pesquisa com intervenção social, no sentido da garantia dos direitos humanos e de níveis adequados de saúde na sexualidade.

O texto que segue aborda então questões de saúde (particularmente vulnerabilidade as DST e ao HIV/aids) e questões de direitos humanos (particularmente violência estrutural, estigma e discriminação) referentes ao exercício de uma certa modalidade de vida sexual, qual seja, a masculinidade bissexual, num país da América Latina, qual seja, o Brasil. Desta maneira, faço esforço em me inserir no objetivo do seminário, visando contribuir para a discussão proposta.

Por outro lado, estou na mesa que trata de cultura, redes e comunidades sexuais. Isso me fez acentuar no texto a discussão da modalidade de rede que utilizei para entrar em contato e mobilizar os homens que mantêm relações afetivas e sexuais com homens e mulheres. A rede, denominada de Rede Bis-Brasil, se revelou também uma instância adequada para lidar com questões de vulnerabilidade à aids e manifestações contra a discriminação e o estigma, e no texto estão relatados alguns exemplos disso.

Tendo presentes estas diretrizes, preoquei-me em construir um texto que atendesse a essas sucessivas inserções nos temas do projeto, do seminário e da mesa, tratando de sexualidade,

saúde, direitos humanos, redes, cultura sexual e comunidades sexuais. Este texto foi montado a partir de excertos de escritos da pesquisa, ora em andamento, sobre o tema, e que é minha tese de doutorado, em fase de conclusão. Os nomes dos informantes são fictícios, mas as informações que os caracterizam são aquelas que foram por eles prestadas. Algumas das diretrizes para a escrita, apresentadas acima, estão ainda carecendo de maior aprofundamento no texto. Sugestões e críticas serão muito bem vindas.

3. A Rede Bis-Brasil

Neste capítulo, buscamos explicar e descrever a Rede Bis-Brasil, problematizando a questão da formação de uma rede para pesquisa, especialmente na linha das preocupações de Foucault com o binômio saber-poder; discutindo a rede como um recurso de método de pesquisa; descrevendo a gênese e o processo de criação, montagem e funcionamento da Rede Bis-Brasil e agregando informações sobre ela, inclusive de natureza quantitativa, permitindo perceber sua dimensão. De maneira breve, efetuamos uma comparação entre esta amostra populacional e aquela de duas outras pesquisas sobre bissexualidade masculina no Brasil.

A Rede Bis-Brasil foi um projeto desenvolvido em boa parte com financiamento do Fundo de Capacitação e Desenvolvimento de Projetos da MacArthur Foundation, no período 1995/2000, através de uma bolsa individual. Os projetos financiados por este fundo apresentam um duplo movimento e se propõem a uma dupla tarefa. Por um lado, buscam a produção de conhecimento científico, envolvendo intensa atividade de pesquisa, o que exige do bolsista leitura, estudo, discussão, montagem e aplicação de instrumentos de pesquisa, interpretação de dados, consultorias específicas, acompanhamento do mentor, produção e apresentação de *papers*. Por outro, buscam uma intervenção social, visando criar estratégias originais e eficientes de transformação da realidade pesquisada, no sentido de se alcançar patamares mais elevados de cidadania e qualidade de vida com a população envolvida. A intervenção social está, em geral, associada ao trabalho de formação ou qualificação de grupos, envolvendo os indivíduos mais diretamente atingidos pela

problemática estudada. Estimula-se também uma relação com a mídia, que visa assegurar que os êxitos e/ou fracassos da experiência de organização social, bem como os principais resultados da pesquisa, se tornem acessíveis ao grande público, configurando aqui também uma modalidade de intervenção social e discussão coletiva.

A intensidade de trabalho em cada um desses três componentes (intervenção, pesquisa e divulgação) foi variável ao longo de cada semestre do período indicado, mas as atividades propriamente de pesquisa, especialmente aquelas elaboradas a partir das informações coletadas, foram ganhando importância no decorrer do tempo, terminando por originar o projeto de tese que serviu para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, e que ora analisa uma parcela das informações acumuladas.

Qualquer trabalho de pesquisa, especialmente quando se debruça sobre um grupo ou população, configura uma forma de conhecer, portanto uma determinada modalidade de poder. Analisando os poucos trabalhos que tratam da bissexualidade masculina no Brasil, em especial Lago (1999) e Silva, Valdeci Gonçalves (1999), neles aparecem claros nexos da bissexualidade com aids, prostituição e homossexualidade. Se formos pesquisar na Web, a maior parte dos artigos e citações que envolvem o personagem “homem bissexual” faz referência à epidemiologia da aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis. Não foi diferente com este pesquisador, que iniciou seu caminho de aproximação ao tema da bissexualidade masculina a partir da aids, da homossexualidade e da epidemiologia, conforme já narrado no capítulo anterior.

A suposta “descrição” de um objeto de pesquisa, no caso as representações de masculinidade bissexual no Brasil, regulam aquilo que pensam descrever, ou, mais propriamente, constroem aquilo que supostamente descrevem. Ao fazer isto, estabelece-se um modo de controle sobre aquilo que se escreve, e nunca simplesmente descrevemos algo. Esta investigação sobre as representações da masculinidade bissexual no Brasil inseriu-se inicialmente no campo da saúde pública, claramente animada por um interesse de descrição e controle – conhecer as identidades dos homens bissexuais para melhor encaminhar campanhas de prevenção à aids entre eles. Esta descrição é fruto de relações de poder.

Desta forma, torna-se relevante analisar os caminhos de construção da Rede Bis-Brasil, uma vez que a montagem desta estrutura de acesso ao grupo de homens bissexuais, de muitas formas os constituiu nessa posição.

O projeto, iniciado em agosto de 1995, testou diversos caminhos de relação com o universo dos homens que mantém relações afetivas e sexuais com homens e mulheres, e terminou fixando-se na construção de uma rede, que se revelou uma modalidade frutífera de relação com o público alvo, tanto para o encaminhamento de ações de prevenção à aids quanto para a pesquisa sobre identidade e modos de subjetivação destes homens.

Antes de passar a uma resenha historiando as principais etapas de construção da rede, cabe discutir uma questão fundante: que problemas exatamente estão envolvidos no ato de realizar uma intervenção social junto a um grupo de homens, e conduzir uma pesquisa combinada a isto? Construir uma rede, a alternativa escolhida para realizar a intervenção social junto a este grupo de homens representa um projeto prático que, segundo o que nos esclarece Foucault (1977, 1985), ao mesmo tempo em que estuda e conhece, localiza e pode controlar aqueles que são objeto do estudo. Se, por um lado, as estratégias de exclusão são marginalizadoras, punitivas, fundamentalmente negativas, a inclusão aparece como seu reverso: incluir é trazer para o centro, valorizar, positivar. Se exclusão é desconhecimento, inclusão é uma estratégia de conhecimento: “Enquanto a exclusão é o afastamento, o desconhecimento, a inclusão, cujo modelo inicial é o controle da população vítima da peste na Idade Média, é o modelo do conhecimento, do exame.” (PINTO, 1999, p. 37) Aqui o poder aparece na dimensão que Foucault mais trabalhou: aquela de produtor de verdades. De forma semelhante, a Rede Bis-Brasil estimulou um processo de agregação de homens com preferências sexuais e afetivas por homens e mulheres, trouxe-os para o centro de uma rede, produziu um conjunto de verdades acerca da masculinidade bissexual brasileira, quanto mais não seja pela quase absoluta ausência de trabalhos mais sistemáticos sobre este grupo no país. As “verdades” produzidas estão ligadas ao dispositivo de produção, no caso uma rede de contatos por via postal. O uso de outro dispositivo teria, provavelmente, produzido outro conjunto de verdades, algumas próximas daquelas que serão apresentadas,

outras mais distantes, algumas talvez até mesmo em contradição com o que vai ser afirmado aqui.

Os homens bissexuais que se aproximaram do pesquisador o fizeram via rede, estimulados por anúncios publicados em jornais, ou então selecionados por busca ativa, através de cartas enviadas pela coordenação da rede. A Rede Bis-Brasil implicou uma forma de regulação dos indivíduos, uma vez que lhes deu critérios de aproximação, códigos de conduta, canais para expressarem-se, questões para refletirem, perguntas para responderem. O poder aqui, na linha de Foucault, não atuou como repressão, mas na face produtiva: a rede propôs questões, sugeriu atividades, apontou caminhos de solução para determinados problemas e demandas, possibilitou aos homens sua exposição através de uma coluna de anúncios, estimulou-os a escreverem suas experiências sexuais, para fins de publicação em um boletim periódico, colocou-os em contato, uns com os outros, para troca de experiências. Em suma, a ação da rede fez com que algo de novo surgisse na vida desses indivíduos. Para a “ciência”, ou, mais modestamente, para o campo de conhecimento a respeito desses homens que existia até então, abriu-se uma nova forma de acesso e de “coleta de dados”. A rede pode ser entendida como uma determinada tecnologia política, que possibilitou um “avanço” em termos de poder (dos homens bissexuais para reivindicarem espaço, como se vai detalhar no próximo item; e em termos de poder ao pesquisador, como via de acesso às histórias de vida) e em termos de saber (o saber sobre a masculinidade bissexual, que o pesquisador assume através da análise das histórias de vida).

Também devemos levar em conta que a rede configurou-se como uma instância dinâmica na vida desses homens, propondo-lhes ações e reflexões diversas, possivelmente de natureza muito diferente daquelas que até este momento lhes haviam sido propostas pela vida, pelo menos em relação ao tema da masculinidade bissexual, o que pode ser verificado pela correspondência. Dessa forma, ao pesquisar, “mexemos” no objeto de pesquisa, de maneira intencional, e com isso “transformamos” os sujeitos que visávamos pesquisar. Eventualmente, podemos ter “fabricado” novas identidades, que antes da existência da Rede Bis-Brasil também não existiam.

Ainda seguindo de perto as considerações de Foucault acerca das relações entre saber e poder, a rede se mostrou um artefato capaz de produzir:

“[...] o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); [...] poder e saber estão completamente implicados; [...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (Foucault, 1977, p. 30).

Todo saber que este trabalho de pesquisa pretende “expressar” não pode ser entendido desvinculado de uma expressão de poder, inicialmente derivada de uma razão de saúde pública: saber sobre a sexualidade desses homens para encaminhar ações de prevenção à aids. Mais ainda, se para Foucault sujeitos como o louco e o homossexual não existiam antes de um aparato discursivo e institucional que lhes construiu, numa dada época histórica, um certo relato de si, também se pode dizer o mesmo do homem bissexual: ele praticamente não existia antes da epidemia de aids. Os próprios sujeitos que temos como informantes, que talvez tenham práticas e desejos idênticos a outros homens que faziam isto antes da aids, têm hoje uma maneira de compreender-se a si próprios que é totalmente diferente dos que lhes antecederam, uma vez que as condições de produção cultural e social da bissexualidade estão consideravelmente dependentes do conjunto de significados postos em ação pela epidemia da aids e seus desdobramentos. A categoria mesma de “masculinidade bissexual” foi construída ao longo desta pesquisa, e mais adiante será explicitada.

Se o sujeito é produto de dispositivos históricos, a fala daqueles que se auto identificam como homens bissexuais não pode ser vista como auto referenciada, ou auto explicativa, pois isto remeteria à noção de um sujeito centrado, autônomo e racional. Desta forma, operamos nesta tese também com informações retiradas da mídia, na forma de artigos, anúncios e charges; depoimentos de médicos, psicólogos e agentes de saúde que trabalham

com a aids; depoimentos de homossexuais, mulheres, casais e lésbicas, no sentido de mostrar a fluidez e as diferentes representações que a masculinidade bissexual adquire, quando falada a partir de diferentes lugares de enunciação.

Segundo as idéias de Foucault, discutir as condições de criação, montagem e manutenção da Rede Bis-Brasil – uma instância de exercício de poder – é falar das condições de possibilidade do saber sobre os homens bissexuais, nos limites dessa investigação. Outras condições de acesso aos homens bissexuais talvez nos levassem a outros saberes a respeito desses sujeitos. Por outro lado, discutir os resultados dessa investigação – saber – é falar das possíveis aplicações práticas do que aqui se “descobriu”, tais como as aplicações em termos de campanhas de prevenção à aids entre esses homens – poder.

A estratégia de montar uma rede, e colocar um conjunto de homens a falar sobre suas relações afetivas e eróticas com homens e mulheres, opera no sentido de auxiliar a constituir um campo de saber, no caso um campo de saber acerca da masculinidade bissexual. Conforme Foucault, em *Vigiar e Punir* (1977), “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (p. 30). Desta forma, discutir as estratégias de montagem, funcionamento e “extração” de depoimentos operadas pela Rede Bis-Brasil é importante para entender o saber produzido a partir daí, expresso nos capítulos mais adiante.

Outra forma de abordar a construção da Rede Bis-Brasil é enxergá-la como uma operação estratégica e política que configurou um determinado recurso de método para esta pesquisa. Entretanto, da forma com foi construída esta rede, descrita abaixo, talvez método seja uma palavra muito forte. Preferimos então abordar esta estratégia segundo uma polaridade definida por Barthes:

Desde o início do primeiro curso, Barthes retoma e redefine a oposição nietzschiana: método e “paidéia”. O método é uma decisão premeditada, visando chegar a um objetivo, a um saber; a “paidéia” é “um traçado excêntrico de possibilidades, uma viagem entre blocos de saber”. Nenhuma dúvida sobre a opção barthesiana pela “paidéia”. (PERRONE-MOISÉS, 2002, p. 7)

As idéias de “viagem” e “traçado excêntrico de possibilidades” dizem muito das vicissitudes de se fazer uma pesquisa combinada com intervenção social. A todo o momento, em função de ações que foram feitas, produziram-se alterações na montagem e nas operações da Rede Bis-Brasil. A divulgação na mídia, por exemplo, da existência da rede, abriu possibilidades de trabalho, e obrigou a mudanças de percurso em diversos momentos.

Em outro modo de aproximação, podemos dizer que, ao montar a rede, estávamos armados da chamada razão técnico-científica, que associa conhecer com manipular: “O objeto de investigação científica já é percebido sob a forma de sua funcionalidade virtual.” (ROUANET, 2001, p. 16) Pode-se afirmar que a estratégia “funcionou” no sentido de aproximar estes homens, organizá-los para algumas atividades de caráter prático, dar-lhes alguma visibilidade preservando seu anonimato, colocar cada um deles em contato com numerosos outros, etc. Organizar os homens em uma rede implica construir uma identidade, ou seja, buscar o idêntico neles, de alguma forma “padronizá-los” enquanto indivíduos. Dois fatores parecem concorrer para isto. Em primeiro lugar, uma certa necessidade, derivada da modernidade, de construir identidades, o que inclusive dá um determinado poder a quem “possui” uma identidade, tal como discutido por CASTELLS (2000) no segundo volume de sua trilogia, vinculado à noção de rede, de certa forma semelhante a situação que aqui temos. Por outro lado, ao lidar com políticas públicas de saúde, temos necessidade de imaginar um sujeito alvo destas políticas, com razoável grau de previsibilidade de suas ações. Neste sentido, buscar “entender” as diferentes identidades dos homens bissexuais e as diversas representações da masculinidade bissexual, no âmbito do meu trabalho, necessariamente passou por constituí-los enquanto objetos da política pública de prevenção à aids, uma vez que foi no âmbito destas preocupações que este trabalho se gerou. Essa observação em nada diminui a pertinência dos resultados a que se chegou, apenas serve para iluminar um determinado percurso metodológico que foi seguido, fruto de certas escolhas, conscientes ou não.

Feitas estas considerações iniciais, passemos à descrição do processo de montagem da Rede Bis-Brasil, necessário à compreensão das possibilidades de utilizar esta rede como uma instância produtora de saber. No primeiro ano de trabalho (agosto de 1995 a agosto de 1996) foi desenvolvido um esforço inicial de compreensão acerca da identidade bissexual masculina, a partir da coleta de propagandas de revistas, jornais e outdoors, literatura nacional e estrangeira sobre o tema, vídeos pornográficos auto intitulados bissexuais, filmes do circuito comercial abordando a temática, reportagens de revistas do tipo Veja, IstoÉ, Marie Claire, Contigo, etc., o que permitiu avaliar melhor as possibilidades de trabalho do projeto original. Possibilitou também perceber que um certo “apelo” à masculinidade bissexual se encontra presente em muitos materiais de mídia atualmente, sendo isto muito evidente em determinadas propagandas de roupas, especialmente masculinas. Nestas, a roupa é apresentada num cenário onde aparecem homens e mulheres, colocados em situações de triângulo, e onde a proporção de dois homens para uma mulher é freqüente. Mais ainda, se observarmos a direção dos olhares, encontraremos muitas propagandas onde os homens se olham entre si, enquanto a mulher está presente, mas não interage com os homens, olha para outra direção, ou está de costas para eles. Numa constatação um tanto impressionista, podemos dizer que está sugerida uma possibilidade de relação entre os dois homens, que fica de certa forma “autorizada” pela presença da mulher, garantia da heterossexualidade de cada um deles. No segundo semestre deste primeiro ano iniciamos as tentativas de reunir os homens para conversar a respeito do tema da bissexualidade, não de maneira direta, o que nos parecia impossível, mas através de encontros para abordagem de temas mais genéricos da masculinidade – tais como paternidade, violência, trabalho, etc. –, procurando partir depois para o tema mais específico que nos interessava.

Foram completamente frustradas as tentativas de reunir os homens em grupos, em oficinas sobre o tema da masculinidade, em encontros em escolas da prefeitura, associações de moradores e centros comunitários, sub-sede de sindicato, ambulatório de aids, etc. Todas as tentativas feitas, variando o horário, o local, o tipo de chamada, tiveram resultado praticamente nulo, atraindo apenas alguns poucos homens, sempre mais interessados em conversar a respeito de futebol do que dos temas por nós propostos. Fizemos então publicar anúncios em jornais, em colunas de classificados ou de recados, inicialmente de Porto

Alegre, manifestando nosso interesse em reunir um grupo de homens que estivesse interessado em conversar sobre o tema da bissexualidade masculina. Desta vez, atingimos o alvo. Um expressivo número de homens entrou em contato por carta, dizendo-se interessados em fazer parte do grupo. Mas isso não se efetivou, uma vez que a quase totalidade não compareceu às reuniões marcadas, e aqueles que compareceram tinham interesse exclusivamente em manter contatos sexuais com outros homens, eventualmente com os próprios organizadores. Entretanto, todos se mostravam ativos correspondentes, desejando entrar em contato conosco, ou com outros homens, não apenas para marcar encontros para sexo, mas também para trocar informações e impressões pessoais. Daí nasceu à idéia de organizar uma rede postal, possibilitando nosso acesso a esses informantes, e a troca de informações entre eles, resguardando o anonimato de cada um.

A partir do segundo semestre de 1996, o principal eixo de atividades do projeto esteve representado pelas ações no sentido de constituir e ampliar a rede de homens bissexuais, batizada de Rede Bis-Brasil, designação sugerida pelos próprios participantes, e que permitiu associar cerca de 500 homens de todos os Estados do Brasil, e alguns poucos de países do Mercosul. Uma vez definido que o trabalho se daria pela via da correspondência postal, realizamos um mapeamento das possibilidades, encontrando e catalogando revistas dedicadas à publicação de anúncios do tipo classificados sexuais, bem como jornais e seções de revistas e jornais dedicados a encontros e anúncios. O trabalho de ampliação da Rede estruturou-se então a partir de algumas etapas bem definidas: 1) levantamento minucioso e permanente de nomes e endereços de homens (e eventualmente casais homem/mulher) que manifestavam desejo de contatos bissexuais, basicamente a partir dos anúncios em revistas do tipo Brazil Export, Private, Ele&Ela; 2) envio de uma correspondência inicial a esses homens, explicando resumidamente nossos propósitos e convidando-os a entrar na rede (inicialmente, ainda sem um nome definido); 3) havendo retorno por parte do indivíduo contatado, envio de um questionário, impresso dentro de um aerograma, na forma de uma “ficha de inscrição” na rede, e onde perguntávamos a respeito de itens básicos, do tipo idade, estado civil, frequência de contatos sexuais, ganhos salariais, nível de escolaridade; 4) havendo retorno, envio de carta mais longa, após a devolução da “ficha de inscrição”, comentando aspectos gerais do comportamento

bissexual, estimulando a participação e troca de correspondência; 5) envio de cartas específicas, respondendo a questões levantadas na correspondência (dúvidas, pedido de informações, relatos de casos, etc.); 6) envio de cartões de Páscoa, de Natal e de Ano Novo e do dia primeiro de dezembro – dia mundial de luta contra a aids – a todos os homens vinculados à rede, nas datas devidas; 7) envio de um questionário longo, abordando numerosos aspectos da vida dos informantes, de resposta não obrigatória, e onde ficava claro que havia uma pesquisa em andamento na rede; 8) envio de materiais de prevenção à aids, solicitando a opinião acerca do conteúdo e da forma das mensagens; 9) envio de matérias de jornal acerca do tema, estimulando um posicionamento dos associados acerca das opiniões ali emitidas, especialmente de articulistas de alguns grandes jornais, médicos e autoridades sanitárias em relação ao papel dos homens bissexuais como “vetores” da disseminação do vírus.

Com o crescimento do número de interessados, e a enorme demanda de cartas e pedidos de respostas ou informações diversas, tivemos a idéia de criar um boletim de periodicidade regular. Solicitamos opiniões aos associados da rede, via aerogramas para facilitar a resposta de cada um, e o nome escolhido pela maioria foi boletim Frente&Verso. A periodicidade ficou estabelecida em cerca de dois meses, e ele passou a servir como instrumento de informação, troca de idéias e recados. Outra forma de entrar em contato com os homens de comportamento bissexual foi através de anúncios, divulgando a rede, em revistas e jornais de todo o país. Nesta modalidade, esses homens, ao tomar contato com o anúncio, escreveram para nossa caixa postal, e a partir daí estabelecemos uma troca regular de cartas, tal como na modalidade anterior, quando tomamos a iniciativa. Com o crescimento da Rede Bis-Brasil, esta passou a ser matéria de notícias em jornais – como a Folha de São Paulo de 4 de janeiro de 1998 –, revistas e boletins, o que contribuiu para ampliar o número de associados.

A troca de correspondência, a sistematização dos dados constantes nas fichas de inscrição, a tabulação no software SPSS dos dados coletados no questionário longo (que envolvia mais de 100 itens) proporcionaram excelente material para escrever artigos no boletim, ou então para consultar os associados a respeito de temas recorrentes na pesquisa, como a

culpabilização dos bissexuais pela infecção das mulheres com o vírus HIV ou as situações de constrangimento enfrentadas tanto no relacionamento com homens heterossexuais quanto com homens homossexuais. A coleta de material da mídia, especialmente revistas e jornais, permitiu estabelecer uma espécie de olhar do outro sobre a bissexualidade masculina, e também alimentou a redação de cartas e artigos no boletim. Todo este material se encontra arquivado, e parte dele foi utilizada na elaboração da presente tese.

As cartas enviadas pelos inúmeros associados nos permitiram perceber que a Rede constituiu-se num espaço em que eles se sentiram valorizados e respeitados, contribuindo para elevação de sua auto-estima e aceitação. Estes elementos proporcionam o cenário ideal para o estabelecimento de estratégias de prevenção ao HIV/aids. Nessa medida, o vínculo estabelecido entre estes homens possibilitou ações efetivas de organização social e visibilidade do tema da bissexualidade masculina, na maioria das vezes mantendo o anonimato daqueles que não desejavam “mostrar a cara”.

Enquanto experiência de articulação entre homens que mantêm relações sexuais e/ou afetivas com homens e mulheres, a Rede Bis-Brasil apresentou um alto potencial de atração dos indivíduos, e mostrou-se uma experiência de baixo custo financeiro. Para tanto, bastou alugar uma caixa postal do serviço de correios, e as principais despesas ficaram por conta de compra de envelopes e papel, impressão e envio de boletins e cartões, despesas com postagem de materiais e envio de selos para garantir o retorno das cartas. A participação na rede e o recebimento de materiais foram sempre gratuitos para os associados. De toda forma, para um país com graves problemas na área da leitura e da escrita, a simples manutenção de uma caixa postal e a disposição para manter contato por carta com outros indivíduos não é característica que se possa encontrar na maioria da população, o que aponta para limites nesta experiência, bem como para uma característica da amostra.

A maior parte da correspondência enviada pelos associados à rede diz respeito a suas vidas, misturando questões de gênero – modos de viver a masculinidade – e questões de sexualidade – modos de buscar o prazer, diferentes formas de viver o desejo de relação sexual com homens e mulheres. Isso mostra que desejos e práticas sexuais têm uma

importância maior em nossas vidas do que muitas vezes se imagina. Talvez estes homens associados à rede não tenham muito mais a trocar entre si além da conversa a respeito de suas vidas sexuais, mas isto já será muito, uma vez que as diferentes disposições sexuais tem um impacto profundo na construção de muitos outros aspectos de suas vidas Dowsett (1996). Temos a criação de vidas ao redor da bissexualidade masculina, a possibilidade de ver como a estruturação da vida sexual influencia a construção da vida em geral.

Por outro lado, falar das práticas sexuais não deve nos levar a valorizá-las em excesso, desassociando-as dos sistemas de crenças, relações de gênero, classe social, etc. Muitas vezes, as práticas são semelhantes, mas as construções identitárias, os modos de pertencimento ao universo da masculinidade bissexual são diversos. Em nossa sociedade, a sexualidade é um elemento muito importante na estruturação da vida individual e de relações dos indivíduos, e podemos quase afirmar que sem esta dimensão não há como alguém construir sua identidade.

Apresentada a Rede Bis-Brasil e sua forma de construção e funcionamento, nosso recurso de método para interagir com os homens bissexuais, nos interessamos em conhecer melhor o caminho e o método de outros pesquisadores. Dois trabalhos sobre bissexualidade masculina, resultado de dissertações de mestrado, seguiram caminhos ora coincidentes, ora claramente divergentes, do caminho aqui trilhado, efetuando algumas associações que são esclarecedoras de comentar.

A dissertação de mestrado de Regina Ferro do Lago, defendida em 1999 junto ao Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitula-se “Bissexualidade Masculina: dilemas de construção de identidade sexual”. A autora se debruça sobre dois tipos de dados: 1) questionários respondidos por homens participantes de um estudo epidemiológico de acompanhamento de uma coorte de 1000 homens no Rio de Janeiro, intitulado Projeto Praça Onze; e 2) entrevistas do tipo histórias de vida, feitas com informantes selecionados do referido estudo epidemiológico, que se auto identificaram como bissexuais e consentiram em ser entrevistados. O estudo opera claramente com a preocupação de investigar a vulnerabilidade dos homens bissexuais à aids e outras doenças

sexualmente transmissíveis, servindo-se de métodos qualitativos e quantitativos de análise. Quanto à noção de rede utilizada, a autora refere-se à rede criada pelo estudo epidemiológico, o que não implica que os participantes se conheçam entre si, o que contrasta vivamente com a estrutura de rede implantada em nossa pesquisa.

O trabalho de Valdeci Gonçalves da Silva é também fruto de uma dissertação de mestrado, esta defendida junto ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Intitula-se “Faca de dois gumes: percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa”, e trata de investigar os personagens que denomina de “bissexuais pessoenses”, referência a uma suposta identidade dos homens bissexuais da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Os dados foram colhidos a partir de quatorze entrevistas semi-estruturadas, com os informantes divididos em dois grupos de sete indivíduos: bissexuais michês e bissexuais não michês. A investigação prioriza a relação destes homens bissexuais com outros homens, quase deixando de lado a problematização de sua relação com mulheres. Temos aqui várias diferenças com relação à modalidade de coleta de dados. Em primeiro lugar, a Rede Bis-Brasil agrega homens bissexuais de muitas cidades do Brasil, não sendo possível estabelecer um recorte identitário por região, estado ou cidade. Nem mesmo generalizar conclusões para o Brasil como um todo, pois não temos tal pretensão nem acreditamos em sua viabilidade. O recorte entre sexo pago e sexo não pago, expresso nas categorias michês e não michês, não configura um determinante de nosso estudo. Pelo contrário, perguntados a respeito da prática de sexo pago, a maioria dos homens desta pesquisa respondeu não desejar acesso a esta prática. Também não tivemos notícia na rede de homens que se dedicassem à prostituição masculina.

Uma diferença clara em relação aos dois trabalhos anteriores de pesquisa está no fato de que, ao iniciar o curso de doutorado, eu já dispunha de um acúmulo de dados sobre o tema, em quantidade muito superior àquela que poderia analisar. Estabeleceu-se então a necessidade de efetuar recortes no material, priorizando questões que se desejava investigar, conforme será apresentado mais adiante.

Conforme já explicitado anteriormente, a Rede Bis-Brasil, embora ainda não com este nome, iniciou a ser divulgada no primeiro semestre de 1996, a partir de anúncios em classificados de jornais e de revistas, que indicavam uma caixa postal para correspondência em Porto Alegre. A existência ativa da rede, assinalada pelas edições regulares do boletim Frente&Verso e atividades descritas acima, encerrou-se de maneira formal em dezembro de 2000, coincidindo com o término do financiamento da MacArthur Foundation, tendo funcionado por quatro anos e meio. Por medida de prudência, a possibilidade de comunicação por via caixa postal foi mantida até dezembro de 2001, quando então a caixa postal foi definitivamente encerrada, após numerosos avisos aos informantes para que não mais enviassem cartas. Manteve-se apenas o endereço de correio eletrônico, que apresenta, até hoje, uma correspondência residual.

Um período tão longo de funcionamento, com abrangência de todo o Brasil, propiciou grande número de adesões. Desde o início o trabalho foi acompanhado por uma preocupação quantitativa, que se materializou no envio de questionários aos informantes, e da coleta de dados tais como estado civil, raça, nível de escolaridade e de renda, número de parceiros e parceiras ao longo dos últimos doze meses, utilização do preservativo nas últimas cinco relações com homens ou com mulheres, etc. A coleta desses dados revelou-se positiva e necessária para o encaminhamento das ações da Rede Bis-Brasil, tanto para ampliação do número de associados quanto ações de informação e prevenção das DST/aids. Na feitura desta tese, este viés quantitativo não será trabalhado. Entretanto, entendemos que seria esclarecedor comentar aqui alguns aspectos quantitativos, que permitam compreender melhor as dimensões da rede de onde saíram os informantes que têm seus depoimentos utilizados ao longo deste trabalho.

Gostaríamos que os dados abaixo não fossem compreendidos como “fatos” acerca da Rede Bis-Brasil e dos homens bissexuais, em oposição à análise de suas falas, classificada então como “interpretação”, caindo-se na tentação de opor a uma ciência dos fatos uma ciência das interpretações. O que estamos pretendendo é associar duas perspectivas, uma quantitativa, de menor expressão, e uma qualitativa, que ocupa a maior parte das preocupações desta tese. Acreditamos que as informações abaixo permitam compreender

melhor como funcionou este recurso de pesquisa representado pela Rede Bis-Brasil (que indivíduos atingiu, que indivíduos sensibilizou, a quem atraiu).

Ao longo de todo o período, foram feitas 15 edições regulares do boletim Frente&Verso, com uma periodicidade que variou entre três e cinco meses. Foram também editados 4 números especiais do boletim, destinados exclusivamente à publicação de anúncios de homens que desejavam encontrar parceiros ou parceiras. O número total de anúncios classificados publicados chegou próximo de 400, havendo homens que se anunciaram mais de uma vez, com textos diferentes, inclusive manifestando preferências sexuais diversas.

Cerca de 500 informantes buscaram contatos com a rede, basicamente homens auto intitulados bissexuais, algumas mulheres, alguns casais e alguns homens homossexuais que buscavam relações com homens bissexuais. Permaneceram como correspondentes ativos 305 informantes. O que denominamos aqui de correspondentes ativos são aqueles informantes que, ao longo do período de vinculação com a rede – que pode ter sido mais longo ou mais curto, dentro do limite de quatro anos e meio – realizaram pelo menos três das atividades a seguir: enviaram mais de 6 cartas, responderam e enviaram os questionários propostos, enviaram cartões ou pequenos comunicados, agradecendo o envio de boletins, folhetos de prevenção à aids, cartões de Natal, Páscoa ou aniversário, e buscaram anunciar-se nos classificados do boletim Frente&Verso. O restante dos informantes enviou apenas uma carta, manteve-se recebendo o boletim, nunca enviou anúncio para os classificados, respondeu apenas a ficha de inscrição, algumas vezes nem isso.

Dentre os informantes, 12 foram entrevistados, sempre de maneira informal, apenas duas vezes com o recurso do gravador. Além dos informantes, entrevistamos também alguns médicos, psicólogos, enfermeiras, homossexuais do grupo de convivência do Nuances – grupo pela livre expressão da sexualidade de Porto Alegre, que foram em geral gravadas, mas não utilizadas diretamente na redação desta tese.

Finalizando esta descrição do principal instrumento de coleta de dados para esta investigação, cabe-nos discutir a pergunta: o que leva o sujeito a falar, a escrever, a querer se corresponder, e, o mais incrível, a dispor-se a responder longos questionários, numerosas consultas, a enviar cartas com descrições minuciosas de seus sonhos, fantasias, relatos de casos, problemas, etc.? Não fosse essa disposição por parte dos informantes, não apenas a Rede Bis-Brasil teria talvez ficado inviável como estrutura de aproximação entre indivíduos, como também não teríamos acesso a tantas informações.

O material que disponho para análise são basicamente cartas, relatos de situações vivenciadas e relato de fantasias e desejos em termos das relações destes homens com outros homens e mulheres, constituindo um dos gêneros de escrita que Foucault (1985) chamou de escrituras de si: "tais formas materiais de escrita oferecem uma espécie de tecnologia da produção do contato consigo mesmo, ou da autopercepção como unidade indivisível e singular." (SOUZA, 1997: 109) Nessas cartas, podemos dizer que temos o relato de confidências, em oposição à idéia de confissão: "pela confidência constitui-se e mantém-se, pela confissão revela-se o segredo, conforme as injunções do sistema institucional do poder." (SOUZA, 1997: 110) Como todo o trabalho da rede se move no regime do anonimato (cartas enviadas e recebidas numa caixa postal anônima, uso intensivo de pseudônimos por parte dos informantes, correspondência enviada de forma discreta, anúncios em linguagem cifrada no boletim e nas revistas, etc.), é possível a confidência, revelando informações que ainda assim permanecem como segredo.

O desejo de confidenciar fica mais bem entendido quando observamos a queixa recorrente dos homens informantes de que não encontravam ninguém para conversar acerca de sua situação, apontando fatores como falta de locais de encontro de homens bissexuais, falta de reconhecimento do indivíduo bissexual por algum atributo visível, falta de jornais, boletins e revistas dirigidos a este público, etc. Através da confidência, o que verificamos é que muitos destes homens "se reinventaram", estavam isolados, foram interpelados pela correspondência enviada pela Rede Bis-Brasil, e a isso responderam num processo ativo de construção da sua masculinidade bissexual.

Este desejo de confidenciar fica mais bem explicado quando lembramos a necessidade de conhecer “o próprio eu”, uma das tecnologias mais importantes para a constituição de si, em especial no Ocidente onde, conforme nos aponta Foucault “[...] uma das mais importantes obrigações morais ser, para qualquer sujeito, o conhecer-se a si próprio”. (Foucault, 1993, p. 203) Na maioria dos casos, conforme já salientamos, estes indivíduos encontravam-se isolados nos seus locais de moradia, não tendo parceiros para conversar a respeito do assunto mais importante de suas vidas sexuais, qual seja, o desejo de relações eróticas com outros homens. Dessa forma, o boletim Frente&Verso e outras publicações da rede serviram de suporte para reflexões e reinvenções nos seus modos de viver a masculinidade bissexual, o que foi apontado por muitos como um conhecimento mais aprofundado de si mesmo.

4. Representações da masculinidade bissexual

A história da masculinidade é em geral uma história contada como una e coerente, na qual ambigüidades, indecisões, lacunas e incoerências ficam devidamente deixadas de lado, em prol da figura de um homem forte. O que se pretende fazer aqui é modestamente acrescentar, a esta representação única da sexualidade masculina, um conjunto de outras representações, o que equivale a pluralizar esse discurso, uma das muitas formas de exercer alguma desconfiança sobre ele. Em vez de falar em masculinidade, falamos em masculinidades. Em vez de falar em bissexualidade, falamos em bissexualidades. Mais ainda, numa fusão entre estes dois termos, falamos nas masculinidades bissexuais. A forma plural indica a intenção de romper com o essencialismo, e também mostra nosso grau de incredulidade diante da narrativa única. Não vamos opor, a uma narrativa única, outra narrativa única. Na perspectiva teórica pós-estruturalista, a realidade é discursivamente construída, em outras palavras, construída através da linguagem, e, portanto não faz sentido a idéia de que a representação guarda alguma correspondência com uma suposta realidade, que seria anterior à linguagem.

Na perspectiva teórica que estamos adotando, a discussão das identidades encontra-se vinculada com o estudo da diferença e das representações. O processo de investigação aqui conduzido pauta-se por uma diretriz de pesquisa em que “pesquisam-se [...], sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação”. (SILVA, T.T., 2000, p. 97) Ao estabelecer estratégias de conhecimento de um objeto, estamos no terreno da construção de representações: “A representação – compreendida aqui como inscrição, marca, traço, significante e não como processo mental – é a face material, visível, palpável do conhecimento. (SILVA, T.T., 1999, p. 32)

Neste texto, o processo de construção de conhecimento sobre homens que mantém relações afetivas e sexuais com homens e mulheres pautou-se pela construção de quatro grandes representações: aquela que vincula a masculinidade bissexual com indefinição, ambigüidade e falta de decisão; aquela que vincula a masculinidade bissexual com uma masculinidade intensificada, sacana, tendente ao sexo em ritmo e modalidades mais intensas do que o habitual; aquela que aproxima a masculinidade bissexual com o sexo do futuro, e coloca então os homens que a praticam hoje como mais adiantados do que os outros homens; e finalmente aquela que explica a masculinidade bissexual como um prolongamento quase natural da verdadeira amizade masculina, uma amizade que fala de troca afetiva e eventualmente erótica entre homens, sem com isso comprometer o estatuto da masculinidade. Estas quatro representações correspondem a nossa tentativa de falar em masculinidades bissexuais.

A produção das identidades liga-se estreitamente ao processo de construção de representações acerca de grupos sociais e indivíduos, feitas pelos próprios interessados e por outros em seu nome, num processo que tem evidentes implicações com as questões da política e do poder, uma vez que as identidades experimentam relações de hierarquia e valorização diferenciada no mundo social. Em particular, são as lutas produzidas no interior das políticas de identidade que operam no sentido de construção de representações, articulando conquista de direitos com difusão de modos de ser socialmente aceitos, e desta

forma se compreende que “a ‘política de identidade’ se situa, pois, na interseção entre representação – como forma de conhecimento – e poder”. (SILVA, 1999, p. 33)

Assumimos o conceito de identidade como posição de sujeito, o que implica articular esta possibilidade de posição com variáveis como gênero, classe, raça, religião, faixa etária, moradia urbana ou rural, grau de escolaridade, etc. Desta forma, o que temos é uma constante desterritorialização e reterritorialização da masculinidade bissexual, num movimento que vale também para outras masculinidades.

4.1.1 – A masculinidade bissexual como indefinição

Na fala de muitos informantes, e também em boa parte do discurso médico e da psicologia, a identidade masculina bissexual aparece como fruto de uma indefinição, uma situação que precisa caminhar para um dos pólos, seja a masculinidade heterossexual seja a masculinidade homossexual. Temos também algumas diferentes modalidades de explicação para a gênese dessa situação, seja por parte da influência paterna e materna, seja porque em algum momento da vida – eventualmente quando prestava serviço militar – o sujeito manteve relações com homens e guarda boas recordações disso, seja porque quando criança foi molestada sexualmente, ou mesmo manteve relações com parentes mais velhos, seja porque quando adolescente teve muito gosto pelas tradicionais brincadeiras sexuais entre garotos, ou por qualquer outro motivo. Estas situações de gênese podem ter ficado na lembrança como um trauma, ou então como uma agradável recordação. O indivíduo que manifesta preferência pela relação afetiva e sexual com homens e mulheres pode ser construído no discurso como alguém que hesita, que oscila, que não tem força suficiente para definir-se, alguém que não tem capacidade ou energia para decidir-se, e, portanto precisa ser ajudado. É o que escutamos de dois dos informantes, dentre muitos:

[...] não posso mais viver em cima do muro, aparentando uma coisa e sendo outra. [...] quero definir de uma vez quem eu sou: uma coisa ou outra. As duas não dá para ser. [...] Não quero ter uma vida dupla, fugidia. Não quero viver escondido [...] não consigo mais administrar a ambigüidade: sou uma coisa e passei a vida inteira fingindo ser outra. Não dá mais.

(Paulo, 46 anos, separado da esposa após 22 anos de vida conjugal, três filhas).

[...] sou do “meio”, e, como a maioria das pessoas que vivem essa situação e procuram seu espaço na sociedade, sofro as discriminações, e muitas vezes chego a ficar desorientado e confuso em pensar como realmente posso lidar com isso em mim e com as pessoas com quem convivo. Apesar de jovem, sempre identifiquei essas características em mim. Não sei se seria uma homossexualidade verdadeira ou uma bissexualidade prematura. (Robin, 21 anos, solteiro).

A percepção de que a masculinidade bissexual é fruto de uma fraqueza, associada com a idéia de irresponsabilidade nas relações afetivas e sexuais com homens e mulheres, torna bastante fácil culpar estes sujeitos pela disseminação da aids. Isso é feito tanto por homens homossexuais quanto pelos heterossexuais homens e mulheres, e endossado por uma parcela considerável dos profissionais de saúde. De toda forma, estudo realizado no Brasil, junto a uma coorte de homens no Rio de Janeiro, não referendaram esta hipótese:

Em relação à vulnerabilidade gerada pelos bissexuais em outros segmentos sociais, como as mulheres, por exemplo, os participantes do presente estudo não correspondem à propalada imagem de difusores do HIV para a população feminina. (LAGO, 1999, p. 104)

Em nossa cultura a representação majoritária da sexualidade se organiza a partir de dois pólos bem marcados, a heterossexualidade e a homossexualidade, e a cada pólo correspondem identidades bem definidas, quais sejam, os heterossexuais e os homossexuais. No gênero masculino, encontramos bem construídas as identidades de homens heterossexuais e de homens homossexuais. Mais ainda, há uma permanente situação de conflito e disputa entre estas identidades, a homossexualidade e a heterossexualidade se pensam como estados mutuamente excludentes, inclusive contraditórios em termos de objeto de desejo. Imaginar então uma pessoa que sinta atração por indivíduos do mesmo sexo e do outro sexo significa fazer coexistir nela dois atributos que são vistos como em conflito e negação, e situados em campos opostos. Logo, fica fácil concluir que esta pessoa só pode ser alguém em situação de conflito, alguém indefinido, em fase de definição, portador de algum problema. Para a maioria das pessoas, é até possível

imaginar que isto ocorra por algum tempo, fruto de uma situação de indecisão, mas que deve caminhar para uma definição assim que possível. Ou seja, se aceita a indefinição como uma fase da vida, quanto mais curta melhor. Ao pensar a masculinidade bissexual como indefinição, cobra-se dela que se defina por algum dos pólos no tempo mais breve possível. Mesmo que se imagine ser esta uma situação possível de se manter indefinidamente, talvez por toda uma vida, ela envolve uma negociação constante de significados, o que pode aparecer como processo um tanto doloroso, ou então muito prazeroso. A negociação de significados pode também confundir o parceiro ou a parceira, e temos na amostra tanto mulheres que dizem gostar de se relacionar com homens bissexuais quanto àquelas que dizem que isto não é possível. De toda forma, temos relatos dolorosos de vivência da masculinidade bissexual como indefinição, e também relatos prazerosos de enfrentamento desta suposta ambigüidade, que é vista pelo sujeito e por seus parceiros como estimuladora da relação sexual, em consonância com o abandono dos padrões rígidos de comportamento sexual, e como abertura para o inusitado e o novo.

Numa forma um pouco diferente de ver as coisas, a identidade masculina bissexual é pensada como sendo uma mistura da identidade heterossexual masculina com a identidade homossexual masculina, assim como o morno pode ser pensado como mistura de frio e calor, em partes proporcionais, o que retoma em parte o pensamento ao modo das escalas como a de Kinsey (ROBINSON, 1977, p. 140). Expressões como gilete, que corta para os dois lados; sei jogar com os dois pés; sei escrever com as duas mãos; ou “sou como casa de esquina, que dá para os dois lados”, utilizadas em alguns momentos pelos informantes, indicam essa modalidade de posicionar-se “entre” duas identidades reconhecidas e, aparentemente, sólidas, tomando de empréstimo de cada uma delas alguns atributos. Pelos depoimentos dos informantes, novamente verificamos aqui que esta característica tanto pode ser valorizada positivamente como tomada negativamente.

4.1.2 - A masculinidade bissexual como sexo do futuro

Boa parte do eventual sucesso que a masculinidade bissexual pode desfrutar hoje em dia deriva de sua associação com uma atitude avançada, moderna, do futuro, expressa particularmente por artistas de televisão, pelo menos para o caso do Brasil. A isto se associa uma idéia de indivíduo despido de preconceitos, homem que superou eventuais barreiras e entraves ao exercício do amor e do erotismo, incluindo também parceiros masculinos nos seus jogos sexuais e afetivos. Há uma idéia recorrente também de ser livre, de manifestar o desejo pelo outro sem as eventuais amarras de corpos masculinos e femininos, pois o afeto e o tesão estariam acima destes limitantes. Esta tem sido a tônica de reportagens recorrentes em revistas de grande circulação no Brasil, e mesmo em diversos sítios na Internet.

Um elemento forte nessa argumentação é aquele de buscar situar-se acima das polaridades do masculino e do feminino, estando preparado para o que seria o “verdadeiro amor”, ou “o verdadeiro desejo sexual”, mais livre e desimpedido, uma superação das polaridades que orientam as escolhas sexuais, uma masculinidade para além da polaridade hetero e homo:

“Me parece que la bisexualidad es un reto a las bipolaridades; desde el momento mismo de aceptar esta orientación como realmente existente, trastocamos de algún modo las polaridades mutuamente excluyentes que han conceptualizado las orientaciones o preferencias sexuales.” (RAMÍREZ-ROA, 2000, p. 12)

É uma masculinidade adiante do seu tempo, que valoriza o erotismo em todas as suas formas, para além dos encaixes tradicionais de masculino e feminino, tratado às vezes como pansexualismo, é disso que tratam matérias jornalísticas como a reportagem de capa intitulada “Bissexualidade o sexo do futuro”, na revista IstoÉ nº 1359, de 18 de outubro de 1995; ou a reportagem intitulada “O enigma bissexual: a opção de transitar por ambos os sexos começa a ser visível e aponta o caminho da sexualidade no futuro”, no Jornal GLS de São Paulo em setembro de 1997. Nomear algo como sendo “do futuro” é quase intrinsecamente dizer que este algo é melhor do que aquilo que hoje temos ou que hoje praticamos. Funciona como o oposto de dizer que algo é “do passado”, entendendo-se o passado como momento mais atrasado do que o presente.

A associação entre masculinidade bissexual e sexualidade do futuro é freqüente em sítios na Internet, conforme se verifica abaixo:

Aritmeticamente, a bissexualidade aumenta em 50% as chances de encontrar um parceiro. De acordo com Alfred Charles Kinsey, [...] esta também é a percentagem de pessoas que transitam por ambos os sexos. Isso mesmo, 50% das pessoas são, de algum modo, bissexual. [...] Nestes finais de anos 90, a média pode até ser a mesma, com uma diferença básica: os bissexuais estão muito mais assumidos. Reflexo, talvez, de uma busca frenética pelo parceiro ideal, já não se importando que este seja de sexo diferente ou não. [...] Muitos acreditam que o bissexualismo será uma opção ainda mais comum no futuro. Há até quem diga que não será surpresa se, dentro de duas ou três gerações, uma grande parte das pessoas, talvez a maioria, for constituída por bissexuais. (<http://www.tafalado.com.br/isis/anteriores/bisex.htm>, acesso em 27 de junho de 2002)

No texto acima, em conexão com outros numerosos textos veiculados na Web, percebemos quatro afirmações articuladas. A primeira diz respeito ao fato de que uma parcela muito significativa da população é bissexual, ou seja, metade dela. Desta forma, assim como temos metade de homens e metade de mulheres numa população, também temos metade dos indivíduos, sejam homens ou mulheres, com preferência bissexual. A segunda afirmativa, também bastante freqüente, é aquela de assumir o valor de 50% (ou qualquer outro) como um fator invariante, o que aparece também em falas de médicos e nas cartas de muitos informantes. Esta argumentação tem semelhança com aquela repetida em função da homossexualidade, que toma a percentagem de 10% a 15% de homossexuais numa população com fator invariante ao longo de toda a história da humanidade, não importando questões culturais, regimes políticos vigentes, organização social ou algum outro fator. A terceira afirmação diz respeito ao fato de que, hoje em dia, a bissexualidade é mais visível, ou os (as) bissexuais estão mais assumidos. Esta afirmação encontra sua explicação, segundo o texto, numa busca frenética pelo parceiro ideal. Em outras palavras, a busca pelo parceiro ideal estaria tão intensa hoje em dia, chegando quase ao desespero, que uma parcela crescente dos indivíduos estaria assumindo sua bissexualidade (já prevista pela psicanálise, e mostrada nos estudos, como sendo de 50% da população). Em outros textos, se busca explicar a crescente visibilidade da bissexualidade ou como anúncio do sexo do

futuro, ou como decorrência dos avanços tanto da luta feminista quanto da visibilidade homossexual. A quarta afirmação presente no texto é quase um corolário das anteriores: se já está provado cientificamente (aqui recorrendo a Kinsey) que metade da população tem prática bissexual, se percebemos que hoje em dia os bissexuais estão mais assumidos, na busca frenética pelo parceiro ideal, só resta concluir que a bissexualidade será o sexo do futuro, que a humanidade caminha para isso.

4.1.3 - A masculinidade bissexual como masculinidade intensificada

Um componente histórico da masculinidade é aquele que diz respeito à potência sexual, que pode ser expressa de muitas formas: dimensões do pênis, capacidade de comportar-se como um atleta no momento da relação sexual, capacidade de exercer forte atração sobre as mulheres, etc. Em concordância com este modo de construir a masculinidade, uma das representações da masculinidade bissexual é aquela que combina a possibilidade de manter relações sexuais com homens e mulheres com a idéia de intensidade e potência sexuais do homem, conforme se pode verificar nos dois anúncios abaixo, mandados publicar por associados da Rede Bis-Brasil no Boletim Frente&Verso:

DRDG Super Ativo: gostaria de encontrar pessoas para realizarmos loucas fantasias. Procuo mulheres, casais, grupos e outros. Tenho 25 anos, 1,78m, olhos e cabelos castanhos, 100% ativo, sigiloso, discreto e amigo. Não procuro envolvimento financeiro e/ou emocional. Aceito todo tipo de propostas. Estou louco para gemer de prazer e fazer todos gozarem. Beijos. D. R. D. G.

Topo tudo: sou moreno, 25 anos, 1,77m, 77Kg, cheio de tesão para dar, bissexual, procuro casais, mulheres, homens, bissexuais, para encontro e muita putaria, mas cada um respeitando seus limites. Interessados escrevam se possível com foto e fone. Chupa Cabra.

A preferência por relações com homens e mulheres aparece aqui como uma forma de masculinidade intensificada, plena de sacanagem, uma masculinidade portadora de um

tesão superior, uma vontade de fazer sexo que supera a masculinidade heterossexual tradicional. O desejo de fazer sexo pode principiar com as mulheres, mas depois abarca casais, homens, e em outros anúncios pode chegar a travestis, transexuais, homossexuais afeminados, etc. Entretanto, para alguns informantes a preferência é fazer aquilo que é denominado algumas vezes como “suruba entre machos”, um grupo de homens absolutamente másculos fazendo sexo de forma livre e intensa entre si, excluídos os homens afeminados, tal como se vê no anúncio abaixo, enviado por um dos associados da Rede Bis-Brasil, que no momento estava namorando uma sua colega de trabalho, e fez referência a numerosas relações anteriores com mulheres, e que manifestou, em mais de um momento de correspondência, opiniões contrárias a presença de homens homossexuais na rede:

Clube de Homens: "Homem para quem gosta de gosta de homem". Este é o meu lema. Quero fazer uma espécie de clube, onde homens possam se encontrar para se curtir mutuamente. Porém só homens! Nada de frescos ou afeminados. Você que está lendo, se também tem esta idéia, me escreva. Vamos nos unir. Sou universitário, 33 anos, e bom nível cultural. Você topa essa idéia? Me escreva, vamos formar um grupo.

Uma característica desse tipo de anúncio é a forte rejeição aqueles traços mais tradicionalmente associados à homossexualidade, tais como ser afeminado e delicado. O determinante organizador desta representação da masculinidade bissexual é o ser homem, um modo de ser masculino atravessado pela intensidade do sexo, por um certo exagero na figura do “machão”, e um elevado grau de crítica e preconceito para com os trejeitos, afeminações e coisas delicadas que se julga serem a essência da homossexualidade. Muitas vezes estes homens se definem como “homens liberais” ou “macho liberal” ou “liberal na cama”, e a idéia de clube lembra o “clube do bolinha”, onde as esposas e eventuais companheiras não participam. A intensidade na atividade sexual parece atravessar também as figuras do ativo e do passivo, pois tanto encontramos declarações de homens “100% ativos” quanto de homens “100% passivos”, sendo que estes últimos às vezes falam do desejo de perder sua virgindade na relação com um “homem de verdade”.

Por fim, é este modo de representar a masculinidade bissexual que abre espaço para a acusação de que são os homens bissexuais os transmissores da aids para mulheres casadas, pois o discurso da intensidade e da sacanagem está próximo daquele da promiscuidade, acusação freqüente contra homens bissexuais, bem como homossexuais. Outro fator que colabora para isso é a ocorrência, no âmbito dessa representação, de grande número de homens que manifesta o desejo de manter relações em grupos de pelo menos três pessoas, com a participação de mulheres, casais, somente homens, etc.

4.1.4 - A masculinidade bissexual como modo da amizade masculina

Nos materiais escritos pelos informantes da Rede Bis-Brasil, bem como nas entrevistas e conversas informais realizadas com eles, é grande o número de referências à busca de amizade entre homens, o que contrasta vivamente com a quase ausência desta referência nos materiais da mídia, nas revistas para mulheres e nas informações colhidas entre os profissionais de saúde. Por vezes, é possível perceber na correspondência um certo constrangimento em falar abertamente do que se deseja fazer em termos de sexo com outro homem, e então a palavra amizade é utilizada num sentido um tanto ambíguo. Em outros momentos, as cartas que falam em busca de amizade masculina fazem educadas referências ao desejo de iniciar um relacionamento sexual com parceiro masculino, conforme podemos ver nos anúncios abaixo:

Alma gêmea: homem casado, alto nível, simpático, maduro, inexperiente na relação homossexual, deseja conhecer homem viril, formação superior, responsável, para amizade adulta e relacionamento íntimo. Indispensável poder receber em ambiente discreto e seguro. Dispenso aventureiros e profissionais. Enviar carta detalhada e fone.

Amizades e trocas: é o que busco ao entrar na Rede. Tenho 41 anos, curso superior completo e trabalho na área da educação. Procuo correspondência com homens e mulheres com disposição para escrever, cultivar amizade, trocar livros, revistas, desejos e idéias inteligentes. Fisicamente aprecio

mais as filhas de Eva e ainda não sei o que é ser bi. Acredito que serei bom aprendiz para com meus eventuais interlocutores.

5. Conclusões

O funcionamento da Rede Bis-Brasil e a reflexão sobre as inúmeras experiências que foram possíveis de acontecer em seu interior nos possibilita listar alguns aprendizados, a guisa de conclusões:

a) a associação dos homens numa rede de contatos permitiu perceber, especialmente pelas opiniões manifestadas na correspondência e nas entrevistas, que o indivíduo, na medida em que conhece os mecanismos de dominação e produção da sexualidade na sociedade, está mais apto a movimentar-se com desenvoltura na busca da satisfação de seus desejos, diminuindo sua vulnerabilidade. A percepção mais refinada dos mecanismos de dominação e produção dos discursos sobre a sexualidade foi possível, em grande parte, pelo relato de histórias de vida e experiências de outros homens, amplamente divulgadas na rede, e pela descoberta de parceiros para conversar e trocar idéias, eventualmente mesmo para manter relações sexuais. O indivíduo parece somente conhecer melhor as causas de sua vulnerabilidade quando se defronta com os mecanismos que a produzem, quanto testa seus limites, quando entra em contato com outros que enfrentam situação semelhante, o que foi possível de acontecer na rede, preservando o anonimato. Vale aqui a idéia de identidade como posição de sujeito, e a percepção de que esta identidade se modifica conforme é possível interpelar este sujeito de outras formas. A Rede Bis-Brasil constituiu-se numa forma de interpelação dos sujeitos que a ela se vincularam, permitindo reelaborar suas construções identitárias.

b) a circulação de homens bissexuais em ambiente homossexuais, bem como em encontros para a prática de sexo em grupo, seja em saunas gays, seja em ambientes privados, acentuam a associação entre indivíduos que já praticam formas não hetero-normativas de sexualidade. Nessa medida, os ambientes de circulação gay, e os próprios gays, são ao

mesmo tempo temidos e desejados. A masculinidade bissexual se constrói então numa relação necessariamente conflituosa, e ao mesmo tempo de parceria, com a masculinidade homossexual.

c) o trabalho com as quatro representações da masculinidade bissexual apresentadas acima permitiu mostrar as vantagens teóricas – e de encaminhamento das ações – de se trabalhar na ótica do e e, abandonando a ótica do ou ou. Os homens da Rede Bis-Brasil podem estar numa e noutra representação, não se constituem em regime de subgrupos, e atuar na lógica da masculinidade bissexual como amizade masculina não os impede de também atuar na lógica da masculinidade intensificada, ou do sexo do futuro, ou na ótica de outras representações que não estão aqui nomeadas. Um homem pode ser uma coisa e outra, e não necessariamente uma coisa ou outra. A lógica do e e permite operar por inclusão de possibilidades de atuação. A discussão fica mais centrada em saber como os homens se constroem na relação entre as diversas formas de representação da masculinidade bissexual.

d) vinculado à afirmação anterior, percebemos em nosso trabalho as vantagens de se trabalhar com os conceitos de identidade cultural e diferença, ao invés de trabalhar com a idéia da diversidade. Ao afirmar que um homem pode ser isto e aquilo, pode construir sua identidade cultural vinculada a esta e aquela representação, ressaltamos as conexões entre produção de conhecimento e poder, uma vez que temos abertura para discutir como se articula e se mantém a diferença. A ênfase na diversidade, ao contrário, muitas vezes se mantém apenas no nível da constatação do diverso, do múltiplo, e do discurso do respeito ou aceitação desta diversidade, da valorização desta diversidade como sendo uma riqueza, sem buscar uma explicação dos mecanismos que ativamente produzem e sustentam a diferença, e nos quais estão sempre envolvidas relações de poder. No caso da masculinidade bissexual, representações que a aproximam da heteronormatividade masculina tendem a ganhar mais destaque e aceitação.

e) percebemos nas atividades da Rede Bis-Brasil a dificuldade em articular o trabalho com as políticas de identidade e com as políticas de solidariedade. A noção de direito está profundamente ligada à noção de identidade, e isto vale em especial para as lutas que

envolvem o tema da cidadania. Desta forma, propor na rede lutas em prol dos homens bissexuais foi sempre bem vindo. Por outro lado, propor lutas ou discussões acerca de lutas de solidariedade, que envolvem mais de uma identidade, encontrou resistências, em especial quando a homossexualidade masculina estava presente de alguma forma. Temos em ação na sociedade sempre processo e mecanismos que tendem a fixar a identidade, seja de qual grupo for; e por outro lado movimentos que buscam a desestabilização da identidade. As políticas de solidariedade foram percebidas pela maioria dos homens da Rede Bis-Brasil como ameaçadoras à identidade da masculinidade bissexual, e portanto rejeitadas, ou apenas aceitas parcialmente. E isto embora a masculinidade bissexual possa ser percebida como situada numa região de miscigenação, sincretismo, solução de compromisso, hibridização ou conceito correspondente. Em diversas oportunidades percebemos que as ações da Rede Bis-Brasil colaboravam no sentido de essencializar a identidade da masculinidade bissexual.

f) por fim, é possível afirmar, a partir das idéias de Deleuze, que os afetos aumentam ou diminuem a capacidade de agir de um indivíduo. A rede possibilitou a ampliação dos afetos dos envolvidos, aumentando o círculo de relações de cada um. Entretanto, a insistência que fizemos no sigilo e no anonimato – condição para o ingresso na rede da maioria dos informantes – terminou reforçando a impressão de que estes afetos se radicam na esfera da vida privada, o que constitui um obstáculo ao trabalho e as ações de prevenção da vulnerabilidade, vistas como luta social numa perspectiva de longo prazo. Pode-se afirmar que a insistência nas idéias de anonimato e sigilo terminou por viciar o trabalho, e reforçou uma diretriz do liberalismo, que coloca todas estas questões vinculadas à sexualidade na esfera do privado, diminuindo o potencial de luta política que elas contém.

6. Bibliografia e fontes

- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. v. 2, A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo, Paz e Terra, 2000
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1977
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1985

- FOUCAULT, M. *Verdade e Subjetividade* (Howison Lectures), Revista de Comunicação e Linguagens, n.º 19, 1993: 203-223
- LAGO, Regina Ferro do. *Bissexualidade masculina: dilemas de construção de identidade sexual*. Dissertação de Mestrado, UERJ, Instituto de Medicina Social, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1999 117p. (mimeo.)
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Barthes o mestre artista*. Folha de São Paulo, Caderno mais! n.º 562, 17 de novembro de 2002, p. 4-7
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Foucault e as Constituições Brasileiras: quando a lepra e a peste se encontram com os nossos excluídos*. Porto Alegre, Revista Educação & Realidade, v.24, n.2, julho/dezembro de 1999, pp. 33-56
- RAMÍREZ-ROA, Angélica. *De las dicotomías y los estigmas*. In.: UYAM Revista sólo para nosotras. V. 1, n.ºs 2 y 3, p. 9-13, enero-abril, mayo-agosto, México, D.F., 2000
- ROBINSON, Paul. *A modernização do sexo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977
- ROUANET, Sergio Paulo. *A técnica segundo Derrida*. In.: Folha de São Paulo, Caderno Mais! n.º 497, domingo, 19 de agosto de 2001, pp. 16-17
- SILVA, Tomaz Tadeu. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000
- SILVA, Valdeci Gonçalves da. *Faca de dois gumes: percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa*. Dissertação de Mestrado, UFPb, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1999 168p. (mimeo.)
- SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1997